Tangram
Revista de Educação Matemática

DOI: 10.30612/tangram.v8i1.19752

Diálogo entre três heterônimos de Fernando Pessoa sobre professores que ensinam matemática para alunos com Transtorno do Espectro Autista

Dialogue between three heteronyms by Fernando Pessoa about teachers who teach mathematics to students with Autism Spectrum Disorder

Diálogo entre tres heterónimos de Fernando Pessoa sobre profesores que enseñan matemáticas a estudiantes con Trastorno del Espectro Autista

Wibberley Beletti
Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática-PECMA da Universidade Federal de São Paulo-UNIFESP
São Caetano do Sul, SP, Brasil
E-mail: psicopedagogawibberley@gmail.com
Orcid: https://orcid.org/0009-0006-6425-9785

Renato Marcone
Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática-PECMA da Universidade Federal de São Paulo-UNIFESP
São Paulo, SP, Brasil
E-mail: marcone.renato@unifesp.br
Orcid: https://orcid.org/0000-0002-0161-8086

Tangram
Revista de Educação Matemática
Universidade Federal da Grande Dourados

Resumo: Esta pesquisa tem como objetivo geral discutir interpretações de um diálogo entre três heterônimos de Fernando Pessoa, baseados na entrevista de uma professora que ensina matemática para alunos com Transtorno do Espectro Autista. Trata-se de uma pesquisa com abordagem qualitativa e com inspiração na metodologia da História Oral. Foi aplicada uma entrevista semiestruturada a uma professora que ensina matemática na rede pública do município de Diadema. Foram elaboradas três versões de textualização da entrevista e depois um diálogo com base nas falas de cada heterônimo de Fernando Pessoa: Alberto Caieiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos. A pergunta de pesquisa é: "Quais são os desafios encontrados no que se refere à inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista no ensino da Matemática". Os resultados parciais, obtidos até o presente momento, foram extraídos a partir do ponto de vista de cada heterônimo.

Palavras-chave: Educação Matemática Crítica. Diálogos. Transtorno do Espectro Autista.

Abstract: this research aims to discuss interpretations of a dialogue between three heteronyms of Fernando Pessoa, based on interview with a teacher who teaches mathematics to students Autism Spectrum Disorder . This is a qualitative study inspired by oral history methodology. A semi structured interview was conducted with a teacher who teaches mathematics in the public school system of the municipality of Diadema. Three textual versions of the interview were developed, followed by a dialogue based on the statements of each heteronym of Fernando Pessoa: Alberto Caieiro, Ricardo Reis and Álvaro de Campos. The research question is: "What are the challenges faced when it comes to including students with Autism Spectrum Disorder in mathematics education?". The partial results obtained to date were extracted from the perspective of each heteronym.

Keywords: Critical Mathematics Education. Dialogues. Autism Spectrum Disorder.

Resumen: esta investigacion busca discutir las interpretaciones de un diálogo entre tres heterónimos de Fernando Pessoa, a partir de una entrevista con un profesor de matemáticas a estudiantes con Transtorno del Espectro Autista. Se trata de un estudio cualitativo inspirado en la Historia Oral. Se realizó una entrevista semiestructurada con un profesor de matemáticas en la publica de escuelas del municipio de Diadema. Se desarrollaron tres versiones textuales de la entrevista seguidas de un diálogo baseado em lãs declarações de cada heterónimo de Fernando Pessoa: Alberto Caieiro, Ricardo Reis y Álvaro de Campos. La pergunta de investigación es: Cuáles son los desafios para lá inclusión de estudiantes con Transtorno del Espectro Autista en la educación matemática?. Los resultados parcialismo obtenidos gastá-la fecha se estrajeron desde la perspectiva de cada heterónimo.

Palabras clave: Educación en Matemática Crítica. Diálogos. Trastorno del espectro autista.

Recebido em 04/02/2025
Aceito em 20/04/2025

INTRODUÇÃO

Nosso trabalho inicialmente visava perscrutar as impressões de uma professora que ensina matemática nos Anos Iniciais de uma escola pública. Havia ainda uma perspectiva autobiográfica que procurava uma compreensão de minha relação com o autismo assim como entender os impactos do Transtorno do Espectro Autista dentro do ambiente escolar, com o qual tenho profunda relação, pois além de ter um filho com autismo, também fui diagnosticada com o espectro e sou professora. A pesquisa tem um teor filosófico e inspirado em literatura, portanto seria útil escolher um poeta que tivesse características similares ao TEA e visões diferentes sobre assuntos diversos. Por isso, no decorrer da pesquisa, surgiu a ideia de trabalhar com heterônimos do poeta português Fernando Pessoa, visto que a construção do trabalho desenvolvido teve por inspiração a própria literatura, tanto nas narrativas autobiográficas como na produção dos episódios, que são narrativas feitas para abarcar algumas reflexões do processo de inclusão e seus desafios.

Na Educação Matemática Crítica, perspectiva adotada no trabalho como referencial teórico, existe uma preocupação com questões sociais, políticas e econômicas relacionadas ao ensino da matemática e sua relação com a sociedade. Sendo assim, o trabalho demonstra tal inquietação, principalmente em relação às dificuldades dos professores quanto ao processo de inclusão em geral, mas aqui com ênfase nos alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Problematizamos quais reflexões poderiam surgir com o diálogo em três diferentes visões dos heterônimos de Fernando Pessoa. A presente pesquisa, portanto, tem como um de seus alicerces o diálogo entre os principais heterônimos de poeta modernista, que trazem as reflexões imaginadas pela primeira autora que viriam das personalidades destes heterônimos.

O diálogo em si não pretende apresentar respostas prontas, afinal, inspirados, como fomos, na perspectiva da metodologia da História Oral, o texto traz características “rizomáticas”, cujos filamentos se espraiam até a parte mais profunda de uma dada questão, sem o objetivo de chegar a uma resposta definitiva. Ao invés disso, o que se pretende é criar uma via que encontre afluentes em rios do

pensamento alheio, aos quais, eventualmente, o pesquisador sequer irá conhecer, dada a impossibilidade de saber quantas pessoas terão acesso ao material, nossos potenciais leitores.

Os autores, no caso, vislumbram as ideias como o astrônomo que tem a visão limitada por fatores anatômicos e técnicos. Sabe-se que as galáxias formam um emaranhado complexo que não pode ser conhecido plenamente, somente imaginado, ainda assim, o exercício de imaginá-lo é fundamental, pois é o único modo de acessá-lo. Dessa forma, é possível ir a muitos lugares e desempenhar inúmeros papéis.

A apresentação do diálogo entre os heterônimos de Pessoa é um espelho de qualquer diálogo possível, principalmente entre professor e professor, sabendo que temos na educação ideias e formas diversas de se pensar. Os quadros do pintor espanhol Pablo Picasso, por exemplo, poderiam constituir uma representação gráfica bastante fiel do escopo de um diálogo. Assim como o cubismo objetiva ver a mesma figura por vários ângulos ao mesmo tempo, busca-se, na modalidade dialógica, a multiplicidade que pode descortinar o indefinível e causar reflexão (Garnica, 2008).

O pragmatismo do mundo moderno frequentemente relega a dimensão subjetiva a um segundo plano, ignorada. Segundo Jung, a objetividade em tempos contemporâneos é privilegiada em detrimento da subjetividade. Esta, por sua vez, possui uma riqueza dialógica da qual não podemos abrir mão. Sendo assim, a subjetividade heteronímica de Pessoa aparece em nossa produção como ponte para o florescer de novas ideias, permitindo o espraiamento rizomático, mais que necessário, dos infindáveis caminhos indicados por Garnica (2008). O labirinto possui uma só saída, mas são muitos os caminhos a serem percorridos. Consideramos, portanto, nesta pesquisa, um caminho diferente para se chegar talvez ao mesmo lugar de outras pesquisas, ou focar num processo que permita chegar a vários lugares.

Milani (2020), autora de trabalhos em Educação Matemática Crítica, ratifica esse paradigma quando afirma que o diálogo não busca o exaurimento. Poderíamos, baseados nisso, afirmar que é apenas o veículo necessário para acessar as flutuações do pensamento do outro e com o outro. Mesmo sem entendê-lo totalmente, promove o cotejo necessário entre múltiplas visões e facetas. A autora aponta para o tecido de ideias dialógicas, ressaltando o aparecimento de novos fios que enriquecem esse

emaranhado a partir de novas e fundamentais perguntas, que fomentam uma compreensão em conjunto do fenômeno estudado, por exemplo, um conteúdo de matemática e sua relação com a sociedade, ou a inclusão de um estudante autista neste debate.

CAMINHOS METODOLÓGICOS

A natureza do estudo é qualitativa, inspirada na metodologia da História Oral, aliada às ferramentas literárias de que dispomos para a escrita, para refletir sobre o ensino de matemática para autistas. Minayo (2014) explana que as pesquisas qualitativas possuem como característica a compreensão da realidade social na qual os fenômenos estudados se encontram e os sujeitos estão envolvidos.

O campo empírico da pesquisa é a cidade de Diadema, em São Paulo. O instrumento utilizado para a coleta de dados é a entrevista semiestruturada. A entrevista foi gravada por meio do recurso Google Meet (Mota, 2019). A respondente foi selecionada, professora dos anos iniciais, que ensina matemática para alunos com autismo no município de Diadema. A participante assinou um Termo de Esclarecimento Livre Consentido (TCLE) para participar da pesquisa.

Cumpre mencionar que, em respeito aos procedimentos éticos de pesquisa, a realização da coleta de dados se deu mediante a aprovação de projeto na Plataforma Brasil, número CAAE: 75953923.0.0000.5505. Este é um procedimento imperioso no que tange à pesquisa com humanos (Brasil, 2016).

Busca-se, com esse levantamento de dados, entender, junto à entrevistada, quais são suas principais percepções ao lidar com alunos autistas no ensino da Matemática. Além disso, pleiteia-se descobrir quais práticas pedagógicas a professora utiliza em seu cotidiano no contexto da educação inclusiva. De posse deste relato, a pesquisa buscou criar uma narrativa, com um diálogo imaginado entre três heterônimos de Fernando Pessoa, que emprestaram suas personalidades para reagirem, de distintas maneiras, aos dados produzidos pela pesquisa e, também, ao referencial teórico adotado pelos pesquisadores.

Inspirados na metodologia da História Oral, foram construídas perguntas prévias para a depoente responder. Após isso, foram elaboradas três narrativas fundamentadas na textualização da entrevista realizada com a professora participante desta pesquisa. O embasamento das narrativas construídas contou com três versões diferentes dos principais heterônimos do poeta português Fernando Pessoa, que serão devidamente apresentados logo adiante. Para Richard Zenith, maior biógrafo no mundo do poeta, há vários momentos em que o comportamento do poeta apresentava características similares ao TEA: poucos amigos, vivia solitário, dificuldade com lugares novos, postura rígida (Zenith, 2020). O pesquisador imaginou ter se deparado com um achado: ao contrário de tudo que o que sabia de Fernando, revelava uma quantidade considerável de amigos. Porém, para sua surpresa, os documentos afirmavam que “o conjunto de amigos de Pessoa em Durban tornou-se ainda mais extraordinário quando entendi que eram pura ficção” (Zenthi, 2022, p. 235). Deste fato vem nossa escolha por este poeta, para criarmos nosso diálogo imaginário entre seus mais famosos heterônimos.

Nosso diálogo teve foco nos principais heterônimos de Fernando Pessoa, sendo eles: Alberto Caieiro, com pensamento avesso a qualquer tipo de filosofia, sendo chamado de sensacionista. Ricardo Reis, com influências da cultura greco-romana, ligado a elementos da natureza, romântico e com seu típico medo da morte. Álvaro de Campos, pessimista muito ligado à modernidade que cultua a velocidade das máquinas e o ambiente urbano.

Utilizando estes heterônimos, foi possível explorar diferentes pontos de vista acerca da mesma entrevista. Tal procedimento incorpora ao trabalho algumas das características presentes na História Oral, em que se valoriza diversas formas possíveis de enxergar a história. Estes textos finais que a pesquisa se propôs a realizar são documentos históricos que poderão ser utilizados pela própria pesquisadora ou por outros (Garnica, 2010). Importante enfatizar que não se trata de um trabalho de História Oral, mas, de um trabalho que se inspirou na sua metodologia para a produção dos dados e para a criação das narrativas, visto que não seguimos todas as etapas necessárias para caracterizar um trabalho de História Oral.

A criação das três narrativas teve como referencial teórico o diálogo com base na autora Milani (2020), que entende o diálogo como uma forma de interação complexa e dinâmica, que não pode ser exaurida em uma única definição. As interpretações apresentadas (participação, discussão, incerteza, movimento e investigação) são complementares e refletem a natureza multifacetada do diálogo na educação matemática, e que foi adaptada para a criação do diálogo entre os heterônimos de Fernando Pessoa ao comentarem sobre a textualização da entrevista da professora participante da pesquisa, que falou sobre ensino de matemática para estudantes autistas.

Ao pensar sobre nossa escolha metodológica para a apresentação dos dados em forma de um diálogo imaginário, entre heterônimos de Fernando Pessoa sobre a textualização de uma entrevista com uma professora que ensina matemática para estudantes autistas, pensamos sobre o filósofo Nietzsche. Existe uma interpretação do conceito de eterno retorno de Friedrich Nietzsche (2011), apresentado primeiramente em seu livro A Gaia Ciência, em 1882, e posteriormente mais bem explicado na terceira parte do livro Assim Falou Zaratustra, publicado pela primeira vez em 1884. Essa interpretação entende “O eterno retorno” como um desafio ético. Dessa maneira, os eventos de nossa vida se repetiriam eternamente, incluindo todas as nossas alegrias e tristezas. Nietzsche questiona se, diante dessa perspectiva, estaríamos dispostos a repetir nossas experiências exatamente como as vivemos, num moto eterno. Esse desafio visa incentivar uma reflexão intensa e responsável, de modo a assegurar que nossas ações resultem numa existência que valha a pena.

Outra interpretação deste conceito, diz que, num universo de elementos finitos, as combinações são finitas, logo, em dado momento, os fatos se repetem. Pensando com o eterno retorno de Nietzsche, a literatura seria um universo dentro de universos, portanto, numa outra existência, em outro momento do tempo e do espaço, os três heterônimos poderiam ter se encontrado a fim de conversar sobre a textualização da entrevista, que foi elaborada no trabalho de pesquisa, de cujo conteúdo eles jamais esqueceriam, e poderiam refletir, se são vidas que valem a pena ser repetidas.

A Educação Matemática Crítica

Uma das formas de se abordar o ensino de Matemática numa dimensão diversa do convencional é a corrente denominada pela literatura acadêmica como Educação Matemática Crítica. Conforme Skovsmose (2001), o ensino de Matemática não pode ser algo fechado, mas precisa dialogar com os problemas sociais e as desigualdades que permeiam a complexa teia social hodierna.

Quando mencionamos a educação matemática crítica, estamos fazendo referência a uma vertente que possui determinados traços que lhe conferem algo singular, como, por exemplo, elementos de interesse mais geral, comumente ligados a questões de justiça social, bem como elementos mais particulares, como, por exemplo, a leitura e escrita da realidade com o apoio de conhecimentos matemáticos (Skovsmose, 2017). A origem da Educação Matemática Crítica ocorre diante de um panorama que contém diversas turbulências. Dentre elas, pode-se mencionar: a) luta contra a Guerra do Vietnã; b) revolta contra os Estados Unidos; c) crescimento do movimento feminista; d) realização de protestos contra uso de bombas atômicas; e) recrudescimento dos movimentos antirracistas; f) o aparecimento do movimento estudantil em 1968; (Milani & Marcone, 2021).

Some-se a isto a questão referente à Teoria Crítica da Escola de Frankfurt, a qual tinha como ideário não somente a crítica, mas também a busca por mudanças em situações que ocorrem na sociedade indo, portanto, além do que caracterizava as teorias tradicionais (Marcone & Milani, 2021).

Destarte, a Educação Matemática Crítica se mostra como uma visão ampliada em comparação aos ditames tradicionais do ensino de matemática (Saviani, 2009). Por esta razão, uma das situações trabalhadas por Skovsmose (2019) engloba a questão da inclusão, que entende que a inclusão está profundamente ligada à ideia de equidade e à necessidade de superar barreiras que impedem a participação plena de todos os estudantes no processo educacional.

Esta preocupação, apresentada por Skovsmose (2019) e, anteriormente, por Marcone & Skovsmose (2014), pensando a inclusão no contexto da Educação Matemática Crítica, mostra-se condizente com o pleitear pela justiça social (Skovsmose, 2014). Num contexto global, mais precisamente no âmbito da Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas – ONU, essa questão da educação de

qualidade para todos permeia o Objetivo do Desenvolvimento Sustentável de n° 4 (Lavall & Olssom, 2019).

A Educação Matemática Crítica, portanto, será o referencial teórico de nossa pesquisa, com Ole Skovsmose, Marcone e Raquel Milani como autores principais, relacionando suas ideias com o ensino de matemática para pessoas autistas. A Educação Matemática Crítica, com sua ênfase na inclusão, justiça social e na leitura crítica da realidade, amparada no diálogo, oferece um suporte valioso para repensar práticas pedagógicas que atendam às necessidades específicas de estudantes autistas. Ao incorporar esses princípios, buscamos não apenas promover a aprendizagem matemática, mas também garantir que o processo educativo seja equitativo, respeitoso e transformador, contribuindo para a autonomia e a participação plena desses indivíduos na sociedade, tudo isso conectado à uma proposta de Educação Matemática Crítica e transformadora.

UM DIÁLOGO IMAGINADO

Em algum ponto da eternidade, eles retornaram a fim de problematizar a textualização. De que modo? Os gênios de um gênio não morrem jamais. Num dia chuvoso de uma época qualquer, Alberto Caieiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos trocariam impressões acerca da entrevista. Álvaro chegou a questionar: faz quanto tempo da entrevista, 100 anos ou um segundo? Caieiro perguntou: é possível diferenciar 100 anos de 1 segundo? Que diferença faz? Em seguida começou a falar com os outros dois:

Caieiro – Uma parte da entrevista particularmente me chamou a atenção: quando a mestra dizia que mostrava os sons, as cores e texturas aos alunos. Achei isso tão esplêndido que, creio, deveria ser ensinado a todos, inclusive os autistas. Isso poderia ajudar a lidar melhor, pois podem sentir demais, ou de menos, precisam aprender a regular as sensações, ou melhor, equalizá-las.

Álvaro – Mestre, com todo respeito, vivemos em um mundo dinâmico, um sonho futurista em que os computadores tomaram conta de tudo. Como as crianças conseguirão viver num mundo assim, sem este conhecimento, apenas com atividades

de sons, cores e texturas? Você mestre, deveria saber como ninguém, que existem evidências científicas na educação, principalmente para os alunos com autismo de que a Comunicação Alternativa Aumentativa-CAA tem efetividade para eles. Isso engloba a tecnologia com atendimento de baixo custo e alto custo, mas isso ocorre nas escolas?

Caieiro fez uma pausa digna dos mestres.

Caieiro – Mas será que as pessoas estão realmente vivendo neste mundo ?

Álvaro não demoraria a reconhecer a costumeira armadilha que seu mestre preparava. Ricardo Reis entrou em cena:

Ricardo – Entendi quando a autora falou a respeito de formações durante a entrevista, mas acho que os mestres já sabem de muita coisa sobre a sala de aula que se integra naturalmente ao trabalho. A professora sempre pode recorrer à ajuda de professores que também têm alunos com deficiência, ao auxílio da coordenadora e da internet.

Álvaro – De que adianta tudo isso? Não é o suficiente. A lei quase sempre deixa de ser cumprida: vocês mesmos ouviram que as crianças atípicas ficam na sala sem auxílio, por mais que se utilize esses recursos não é possível aplicá-los, pois são necessárias formações específicas para os professores. Além disso, devido ao número excessivo de alunos com deficiência, sem auxílio fica difícil para o professor. Na verdade, impossível!

Ricardo respirou fundo – Álvaro, como sempre você vem com seu pessimismo. Na minha leitura da textualização, fiz um comentário que, acredito, pode ajudar bastante. Acho que as escolas ao ar livre são uma ótima alternativa para cuidar dos alunos em geral. Creio que em espaços abertos, provavelmente os autistas ficariam mais calmos. Já existem até alguns colégios assim aqui nessa terra com nossos irmãos lusófonos, o Brasil.

Houve um silêncio súbito no castelo de Almourol, desorientando até mesmo a vida aquática do rio Tejo, como se os três estivessem realizando considerações fundamentais para o universo inteiro. Álvaro resolveu abandonar um pouco a costumeira acidez. Por um momento, deixou a posição de ataque e convergiu com os

interlocutores. É importante observar que o diálogo é uma troca de ideias e não necessariamente uma disputa, mas que, ao final, podemos trocar as experiências necessárias para evolução do pensamento e chegar a novas reflexões.

Álvaro - Ouvindo você e o mestre falarem, de repente tive um “insight”, como dizem nossos eternos algozes que, aliás, ainda hoje, mantêm sua monarquia, enquanto a nossa, ruiu nos idos de 1910. Claro que não podemos renunciar à tecnologia, mas os sentidos devem ser levados em consideração, assim como essa educação em espaços abertos. A engenharia já leva isto em conta. Já ouviram falar de Joan Scott Love?

Ricardo e Alberto menearam a cabeça negativamente:

Álvaro – Ela realizou uma série de pesquisas a fim de descobrir como os espaços físicos de uma escola podem ser mais amigáveis ao autista, auxiliando-o a lidar com os estímulos do ambiente. Há um grande interesse acerca da importância do ambiente para a pessoa com autismo. Joan faz parte de uma corrente nova de engenharia denominada neuroarquitetura. Ela, por exemplo, defende que um prédio escolar com mais janelas pode diminuir a ansiedade dos autistas, assim como criar entradas alternativas, menos movimentadas, nos prédios escolares.

Ricardo - Sem sombra de dúvidas é algo interessante, nunca ouvi falar dela.

Álvaro – Acho que o trabalho dela consegue reunir o seu lócus amoenus com as preocupações sensoriais do mestre.

Acostumado que estava às tertúlias poéticas de Lisboa, Caieiro não demorou a levar a conversa para um lado mais lírico e subjetivo:

Alberto – Que diferença isso faz? Faz quanto tempo que nós três não existimos. Nós três nunca existimos!

Álvaro – Ha, mestre! Não somos diferentes de outras pessoas. Nenhum ser humano no mundo é o mesmo para sempre. Todos são frutos de heterônimos do passado que deixaram de existir. A heteronímia não é uma invenção, mas sim uma sentença existencial. A infância e adolescência de cada um são vividos por heterônimos que deixam de existir. Não somos tão diferentes das outras pessoas do mundo.

Alberto – Este teu raciocínio é interessante, Álvaro. De repente me ocorre que toda existência é um silogismo invertido. O passado, que é mera ilusão, é a premissa que gera o presente, feito conclusão absolutamente verdadeira de uma premissa inexistente.

Álvaro – Não é assim tão absurdo. Vejamos a física quântica, que vimos nascer lá em 1900, ainda crianças dentro de nossa Pessoa, e que hoje está mais pujante do que nunca: o átomo, composto de probabilidades, quase uma nuvem etérea de ilusões, é a premissa necessária da existência visível. Toda ilusão tem um incrível potencial para gerar realidades.

Ricardo – Isto que estão dizendo não é tão diferente do que afirmava Platão. Ele dizia que o mundo das ideias gera o mundo real. Platão foi um visionário. Quando ele dizia que o mundo das ideias era a matriz para este mundo que estamos vendo, serviu de inspiração para vários pensadores importantes. Há uma influência sutil do filósofo grego em Descartes, quando este afirmou que o mundo que vivemos é feito de ilusões. Vejo influência dele em Jung, em sua interpretação arquetípica do mundo. Para o psicanalista, o mundo subjetivo é tão importante quanto o objetivo e, exatamente nesse ponto, traz a importância do mundo das ideias para o tempo contemporâneo. Até o cristianismo ele influenciou, pois, não seria o “mundo das ideias”, ou o outro mundo, sob muitos modos, similar ao mundo espiritual?

Alberto – Isto, não é diferente mesmo. Platão também parte de premissas falsas, no caso as ideias.

Os outros dois se entreolharam como quem vê alguém obviamente mais esperto. E percebem que citou vários autores sem colocar as tais referências que hoje são tão importantes. Certamente um avaliador atento irá reclamar.

Ricardo – Não creio que isso faça diferença. O passado e o futuro possuem obviamente papel coadjuvante. Mestre, o presente é uma laje pesada sustentada por duas colunas jônicas invisíveis, o passado e o futuro.

Alberto – Existe aí uma inversão: Na verdade é o presente que mantém em pé a ilusão do passado e do futuro. O tempo presente é a coluna mestra da existência.

O momento de convergência de Álvaro durou muito pouco.

Álvaro – Toda elucubração que fizermos aqui não servirá para nada. Nos reunimos no castelo a fim de comentar o diálogo e, francamente, estamos desviando do assunto. Voltemos a ele: vocês mesmos ouviram que a professora quase não conta com apoio dentro da sala de aula. Fora isso, a autora escreveu que boa parte dos autistas abandona a escola. Deixam de estudar porque não têm apoio, ocorre evasão devido à absoluta falta de auxílio e de condições para ir à escola. Fico me perguntando: “Onde estão os autistas adultos ou até mesmo os adolescentes”? O governo pouco fornece aos professores em termos de formações ou recursos, portanto, estas crianças, na maioria das vezes, ficam à mercê de um ensino de má qualidade. Você não ouviu a professora comentando que lá no município que ela leciona não tem formação de matemática e nem específica para alunos com esta condição?

Ricardo - Bem diferente do que acontecia na Grécia antigamente, quando realmente valorizavam a educação, por meio dos grandes mestres, Epicuro, Aristóteles, Tales! A educação realmente tinha valor. Mas fico feliz de saber que ainda hoje há lugares que capacitam os professores e fornecem formações periódicas para lidar com o autismo. Há países onde há realmente um Plano de Desenvolvimento Individual tanto para alunos neurodivergentes quanto neurotípicos, ao contrário do Brasil, pois, em muitos lugares, não há. Porém, espero que com o novo parecer número 50 ainda que necessite de ajustes, já contemos com mais orientações para melhor lidar com este público.

Álvaro estava provocativo:

É, você mencionou a Grécia antiga, mas lá a democracia não era para todos, certo? Tampouco a educação!

Ricardo – Não desviemos do assunto, foi você mesmo quem pediu.

Álvaro calou.

Ricardo - Vejam: O Grupo Conduzir, em seu site, nos lembra que “na Holanda, Estados Unidos e alguns outros países desenvolvidos existe moradia assistida. São condomínios fechados com suporte de equipes multidisciplinares (psicólogos, terapeutas ocupacionais, fonoaudiólogos, psiquiatras etc.) que auxiliam os autistas

adultos numa vida independente, em que moram sozinhos e aprendem diariamente tarefas cotidianas". Como a inclusão nesses países é eficiente, naturalmente as crianças se tornam adultos mais tolerantes e com atitude inclusiva. A rotina deles é bem-organizada. A conquista de tal objetivo só é viável se a inclusão for efetivamente implementada nas instituições escolares, o que contribuirá para a formação de uma sociedade mais consciente e solidária.

Entre sorridente e irônico, Álvaro se manifestou:

Álvaro - Oras! Vejo que de propósito ignorou a questão excludente da democracia grega, que era para poucos. Acredito, no caso, que pensadores como Paulo Freire e Ole Skovsmose se preocupam bastante com uma dimensão mais inclusiva do ensino. Na verdade, fiz uma provocação. É claro que com a exclusão dos alunos autistas dos espaços escolares, como foi demonstrado no trabalho, e muitos outros tipos de exclusão, que podem ocorrer inclusive por meio de uma educação bancária, não haverá uma democracia real.

Alberto – Fale mais sobre estes autores?

Álvaro – Paulo Freire escreveu diversos livros importantes retratando a importância da dialética e de uma dimensão mais humanizada do ensino. Já Ole Skovsmose analisou uma abordagem crítica da matemática em que a disciplina tivesse uma dimensão política, inclusiva e calcada no mundo real, não em meras abstrações.

Alberto – Bom, de minha parte sou contra quaisquer tipos de ideias, mas se for para ensinar, que ao menos seja algo que se aproxime ao máximo do mundo real e das coisas concretas. Uma matemática que não se vê, não existe direito. Interesso-me pela questão dos sentidos. Achei interessante o relato da primeira autora, quando contou a respeito da forma como ensinou seu filho aos três anos de idade. Fiquei pensando se boa parte dos autistas que vão para a escola no Brasil não perdem essa janela de oportunidade, o tempo da plasticidade neuronal. Isso não acarreta uma série de problemas na comunicação, ou melhor, a falta dela?

Álvaro – Mestre, comunicação gera ideias, você não é contra as ideias?

Alberto Caieiro respirou fundo novamente:

Contra as ideias, não contra a comunicação. Como alguém vai dizer ou descrever o que sente sem se comunicar, como vai viver? Não sou contra a comunicação, apenas contra as mentiras filosóficas e conceituais geradas a partir delas. Por isso, penso que a tal janela de oportunidades deveria ser mais bem aproveitada.

Ricardo – Tudo o que tem a ver com a Grécia me interessa bastante, inclusive o que sirva para melhorar a democracia, afinal, Platão já dizia que uma verdadeira democracia só acontece onde o ensino é para todos. Conte mais a respeito de Ole Skovsmose e Paulo Freire.

Álvaro – Ah, meus caros! Nosso amigo Machado já dizia que um defunto autor possui certas vantagens. O futuro para nós é também o pretérito, meus companheiros. Hoje podemos observar, atentos, fatos que, para nós, sequer ocorreram enquanto estávamos vivos, pois nunca estivemos vivos! Somos observadores de um futuro que não aconteceu ainda, principalmente para nós três. Somos observadores do futuro do pretérito.

Alberto – Ah, algo que é passado e presente ao mesmo tempo, tem duas chances a menos de existir. Mas conte mais a respeito disso.

Álvaro – Os fatos que passarei a relatar não são de nosso tempo, mas já ocorreram. Na década de sessenta do século XX, grandes lutas ocorreram, meus amigos: emancipação da mulher, protestos contra a Guerra do Vietnã, movimentos antirracistas etc. Isso também abriu espaço para que se lutasse por uma condição melhor para as crianças nas salas de aula, um ensino mais humanizado. Daí nasceram as ideias de Ole Skovsmose: “Dentro de uma perspectiva crítica da sociedade, qual o papel de matemática hoje?”. É errado pensar que é de neutralidade. A matemática pode ser decisiva em várias situações. Vejamos, por exemplo, a influência da bomba atômica na geopolítica.

Ricardo – Extremamente interessante.

Ricardo - Durante a textualização inteira, vimos que os autistas são diferentes uns dos outros, têm características diversas devido ao próprio espectro. Como é possível o professor da sala comum incluir o aluno com deficiência sem olhar para a diferença, isto é, garantindo isonomia, direito fundamental.

Ricardo - Se o aluno autista recebe atividades diferentes dos outros, não é como se estivéssemos criando um gueto? Não seria uma exclusão dentro da escola, passar as atividades para um e para eles algo bem distante?

Álvaro - Pelo teu raciocínio, a UTI seria um gueto! Oras! Não é porque alguém recebe cuidados especiais que estão sendo marginalizados, é necessário sim ocorrer adaptações, ainda que razoáveis, e trabalhar de forma coerente com o PEI e ainda utilizar os princípios do Desenho Universal para a Aprendizagem-DUA.

Alberto – Veem. É o que digo! Existem os fatos e as ideias! Os fatos e as coisas se embebedam com as ideias e perdem a pureza. Ajuda? Exclusão? O mesmo de tentar decidir se é cara ou coroa com a moeda ainda girando no ar.

Dessa vez, os discípulos ignoraram os jogos de palavras do mestre.

Álvaro - Você acha que o doente precisa ter a oportunidade de escolher o remédio?

Ricardo – Sabemos que existe o Desenho Universal de Aprendizagem-DUA, esse sim pode trabalhar com as mesmas atividades, apenas adaptando a forma que vai chegar esse conteúdo, como já dito.

Álvaro - Não comparo. Apenas acho que em tempos tão modernos, em que a ciência avançou tanto, temos a tecnologia assistiva que faria determinados alunos aprenderem de modo mais eficiente, mas cadê os recursos para a educação?

Alberto Caieiro - de que serve a ciência!? Ela é vã, entorpece nossas formas de sentir!

Álvaro - Fique sem remédios então, mestre!

Não podemos afirmar que esse foi o fim do diálogo, porque os diálogos não têm fim. São somente pontes para outras pontes, tanto as dos interlocutores como as daqueles que leem o diálogo. Não seria errado dizer que estaria encerrado somente quando a raça humana inteira estivesse extinta, afinal, sempre existe a possibilidade da retomada da conversa.

Houve um crepúsculo extremamente acelerado. Os três olharam pela janela do Almourol para verem o sol descer como se fosse uma bala de canhão. Personagens

literários vivem ou morrem conforme os livros se abrem ou se fecham. No caso aqui, o livro mais uma vez se fechou. Jamais para sempre.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entender a História Oral como metodologia, implica reconhecer que ela consiste num inventário de relatos que possuem múltiplas facetas de interpretação. A sua prática pode ocorrer em estudos sociais, históricos ou antropológicos, por meio da coleta de dados junto a respondentes que narram o seu ponto de vista sobre os assuntos estudados, como pontos de vistas que ocorreram no diálogo proposto.

No que se refere à História Oral, pode-se considerar que ela se difere da história convencional. Esta diferenciação acontece porque nos meandros da história convencional, o que se pleiteia é o relato de fatos históricos. Na História Oral, o que se busca é ir além desta narração, com o enfoque mais voltado para o sentido dos acontecimentos.

Por se tratar de uma pesquisa ainda em andamento, convencionou-se destacar os principais achados teóricos atinentes à Educação Matemática Crítica, educação inclusiva, TEA e História Oral. Enfatiza-se que cada temática trabalhada possui dificuldades inerentes, às quais influenciam diretamente na aprendizagem dos alunos, em especial, os professores que convivem com o Transtorno do Espectro Autista.

Importante também enfatizar a palavra inspiração, utilizada nesta pesquisa para qualificar nossa relação com a História Oral. Este não é um trabalho de História Oral, como o cachimbo da pintura de Magritte. Apenas nos inspiramos na técnica da história oral de produzir documentos históricos, e aplicamos em nossa pesquisa, misturando esta técnica com a literatura, e as infinitas possibilidades que este encontro nos proporciona.

Busca-se, por meio deste estudo, incentivar que outras pesquisas no campo da Educação Matemática e o autismo sejam feitas com vistas a desvelar outras realidades existentes ainda não contempladas pela ciência.

REFERÊNCIAS

AUTISTAS, A. N. P. I. D. P. (2024). Nota técnica contra o parecer cne/cp nº. 50/2023. 10 de fevereiro de 2024. Dispõe sobre o Plano de Ensino Individualizado – PEI, no âmbito do sistema educacional inclusivo, Medida Provisória1025, BRASIL (2020). https://legis.senado.leg.br/sdleg-getter/documento?dm=8921974&ts=1618945764007&disposition=inline

Garnica, A. V. M. (2008). A experiência do labirinto: metodologia, história oral e educação matemática. UNESP.

Garnica, A. V. M. (2010). Registrar oralidades, analisar narrativas: sobre pressupostos da História Oral em Educação Matemática. Ciências Humanas e Sociais em Revista, 32.

Lavall, P. T., & Olsson, G. (2019). Governança global e o desenvolvimento na sua pluridimensionalidade: um olhar sobre a Agenda 2030 das Nações Unidas. Direito e Desenvolvimento, 10(1), 51-64. https://doi.org/https://doi.org/10.26843/direitoedesenvolvimento.v10i1.990

Marcone, R. & Skovsmose, O. (2014). Inclusion-Exclusion: An Explosive Problem. In: SKOVSMOSE, O. Critique as Uncertainty. Charlotte: Information Age Publishing, p. 95-109.

Marcone, R., & Milani, R. (2021). EDUCAÇÃO MATEMÁTICA CRÍTICA: UM DIÁLOGO ENTRE SUA GÊNESE NOS ANOS 1970 E SUAS DISCUSSÕES EM 2017 NO BRASIL. Revista Paranaense De Educação Matemática, 9(20), 261–278. https://doi.org/10.33871/22385800.2020.9.20.261-278

Milani, R. (2020). Diálogo em Educação Matemática e suas Múltiplas Interpretações. Bolema: Boletim de Educação Matemática, 34(68), 1036-1055. https://doi.org/https://doi.org/10.1590/1980-4415v34n68a10

Milani, R., & Marcone, R. (2021). Una mirada a la investigación Colombiana en Educación matemática crítica. Revista Latinoamericana de Etnomatemática, 14(ja/abr. 2021), 35-46. doi:10.22267/relatem.21141.77.

Minayo, M. C. S. (2014). O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. Hucitec.

Mota, J. S. (2019). A Utilização do Google Forms da pesquisa acadêmica. Humanidades & Inovação, 6(12), 3.

Nietzsche, F. (2011). Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém (P. C. d. Souza, Trans.). Companhia das Letras.

Saviani, D. (2009). Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. Revista Brasileira de Educação, 14(40), 143-155. https://doi.org/https://doi.org/10.1590/S1413-24782009000100012

Skovsmose, O. (2001). Educação matemática crítica: a questão da democracia. Papirus.

Skovsmose, O. (2014). Foregrounds. Sense Publishers.

Skovsmose, O. (2019). Inclusões, encontros e cenários. Educação Matemática em Revista, 24(64), 17.

Skovsmose, O. (2020). O QUE PODERIA SIGNIFICAR A EDUCAÇÃO MATEMÁTICA CRÍTICA PARA DIFERENTES GRUPOS DE

ESTUDANTES? Revista Paranaense de Educação Matemática, 6(12), 18-37. https://doi.org/https://doi.org/10.33871/22385800.2017.6.12.18-37

Souza, I. M. d. S. d. (2017). Desenho Universal para a Aprendizagem de Pessoas com Deficiência Intelectual Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro]. Nova Iguaçu, RJ.